

instituto de arte contemporânea

~~WAN~~

~~MEZOS~~

~~Jornais de~~

~~Art de UNIBANCO~~

~~11/10/1970~~

instituto de

# GRAVURA DE ARTE EDITORA

2a. SÉRIE PARA ASSINANTES

GRAVURAS DE  
IBERÊ CAMARGO  
EDITH BEHRING  
HENRIQUE OSWALD  
EDUARDO SUED  
MÁRIO GRUBER  
LÍVIO ABRAMO  
JOSÉ BARBOSA  
IVAN SERPA

TEXTOS DE  
Harry Laus  
Flávio de Aquino  
Orlando da Silva  
Marc Berkowitz  
José Geraldo Vieira  
José Roberto Teixeira Leite  
Quirino Campofiorito  
Frederico Morais

*Acompanha  
uma monografia*

DE COLECIONISMO, noções

Orlando da Silva

## IVAN SERPA

Antes de qualquer outra consideração é preciso dizer que Ivan Serpa é um artesão de primeiríssima água, um artista que domina integralmente seus meios de expressão. Numa época, como a atual, e num país, como o nosso, onde a improvisação domina até o limite da irresponsabilidade e da saturação a produção artística, soa como algo *demode* afirmar-se que a principal qualidade de um artista é sua artesanaria.

Mas não para Ivan Serpa que sabe ( e testemunha eloqüentemente com sua obra) que a técnica, após ser dominada, é transcendida, elevando-se à criação. É por isso que diante de qualquer trabalho seu não se sabe mais o que é forma ou o que é técnica. A adequação é perfeita. Assim também, o que ele diz não pode ser alcançado fora desta adequação, vale dizer, da obra, ela mesma. Como artista/artesão, Ivan Serpa faz dizendo - para ele a ideação não está separada da execução. Diz fazendo: nêle o fazer é igual ao saber.

Serpa é e sempre foi um artista construtivo. Na sua obra não contam o acidente, a improvisação, o efeito fortuito. Tudo nêle tem uma forma precisa e corresponde a um pensamento nítido e claro, mesmo quando, como em suas rápidas passagens pelo figurativo e pelo informal, aparentemente a surpresa domina, a mancha é imprevista e a corrosão incontrolável. Serpa controla integralmente todo o processo de sua arte, nada escapa a uma rigorosa ordem interna ou a um objetivo claramente definido.

A gravura incerida neste álbum é um exemplo magnífico das qualidades acima mencionadas. Mas como sempre ocorre com Serpa ele estuda exaustivamente o modo de expressão e retira do material todas as suas conseqüências. Face a esta observação não se pode deixar de constatar a ironia do resultado alcançado - magnífico. Com efeito, o artista primeiro ergue, no espaço, uma forma pura, monumental, à maneira de suas construções da fase concretista. E logo em seguida se propõe a destruir esta mesma forma, pacientemente, assim como a térmita que devora, carcome a fôlha do inconfundível ou o ácido que corroe o metal. Diante desta forma negra, da figura geométrica de contornos nítidos, situada no tópo do papel, o que se vê na superfície restante são como que bactérias, bacilos minando o tecido formal, estilhaços lançados contra a fortaleza. Coágulos de sangue, pequenos focos guerrilheiros em luta contra o que Julian Benda denominou de "imperialismo da forma". E já no próprio território a derrotar algumas ilhas foram instaladas, e nelas brilha intensamente a *luz-liberdade*. Serpa não duvida que nesta guerra de guerrilha entre a forma e o informe, aquela perderá. Breve toda área estará conquistada. Do caos, provavelmente surgirá outra forma,

Mas se nestes 20 anos de labor artístico, pacientemente construiu por que, agora, se propõe desconstruir? Por que esta vontade de negação? *Non-sense?* Não creio. Mesmo porque o processo da corrosão da forma tem o contróle do artista, a destruição é consciente. Provavelmente Serpa se encontra no limiar de uma nova fase - a síntese que vem longamente procurando. Do conflito entre a paz e a guerra, a forma e o informe, o sólido e o desintegrado, do ser e do vir-a-ser, surgirá breve, talvez, um nôvo espaço, que será, também, um nôvo modo de ver o mundo e a arte, uma nova ética.

FREDERICO MORAIS

Nasceu em 1923 no Estado da Guanabara. Discípulo de Axel Leskochesk. Exposições individuais: 1951 - IBEU; 1953 - Teatro de Bólso; 1954 - Washington; 1957 - Galeria Tenreiro; 1958 - Galeria Gea; 1961 - MAM, 1963 - Galeria Tenreiro; 1964 - Galeria Barcinsky; 1965 - MAM, Exposição Comemorativa do IV Centenário da Cidade. - Exposições coletivas: - no Brasil, nos "Salões Nacional de Belas Artes" e nos "Salões Nacional de Arte Moderna;" nas "Bienais de São Paulo;" com o Grupo Frente, IBEU, MAM e em Volta Redonda. No exterior: 1952, 54, 62, - Bienais de Veneza; 1953 - Feira Internacional de Lausanne; 1955 - Mês Brasileiro, Paris; IX Exposição Prêmio Lissone; III Bienal de Barcelona; Internacional Art Exhibition, Tóquio; 1957 - Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Lima; 1961 - Walker Art Center, Mineápolis; 1962 - Bienal de Córdova; 1964 - Acervo do

MAM; 1965 - Royal College of Art, Londres; Salão "Comparaisons", Paris. Prêmios: - 1948, Medalha de bronze, Salão Nacional de Belas Artes; - 1949, Prêmio "Prefeito do Distrito Federal" em pintura, I Salão Municipal; - 1951, Prêmio "Jovem Pintor Nacional", I Bienal de São Paulo; 1953, Prêmio MAM, II Bienal de São Paulo; - 1955, Prêmio "Moinho Santista", III Bienal de São Paulo; 1955, Prêmio "Unesco" (reprodução da colagem "Construção 75"). - 1957, Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1960, Prêmio de Aquisição, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1961, Prêmio de Aquisição - Ardea -, VI Bienal de São Paulo; - 1962, Prêmio de Viagem ao País, Salão Nacional de Arte Moderna. - Professor dos cursos Infantil e Atelier Livre de Pintura do MAM da Guanabara desde 1952.

FICHA TÉCNICA - Gravura em metal, seu primeiro trabalho nesta técnica. Chapa de latão, 35,5x23,3. Niquelada depois de ter sido gravada com as técnicas água tinta e rebaixamento. Impressão feita por Orlando da Silva em novembro de 1967, especialmente para a GAÉ em tiragem de 110 exemplares, sendo os numerados de 1|110 a 10|110 impressos em papel Rives e os de 11|110 a 110|110 em papel Debret. Após a tiragem a chapa foi riscada.

1967?

## IVAN SERPA

Nasceu em 1923 no Estado da Guanabara. Discípulo de Axel Lesko Chesk. Exposições individuais: 1951 - IBEU; 1953 - Teatro de Bólso; 1954 - Washington; 1957 - Galeria Tenreiro; 1958 - Galeria Gea; 1961 - MAM; 1963 - Galeria Tenreiro; 1964 - Galeria Barcinsky; 1965 - MAM, Exposição Comemorativa do IV Centenário da Cidade. - Exposições coletivas: - no Brasil, nos "Salões Nacional de Belas Artes" e nos "Salões Nacional de Arte Moderna"; nas "Bienais de São Paulo"; com o Grupo Frente, IBEU, MAM e em Volta Redonda. No exterior: 1952, 54, 62, - Bienais de Veneza, 1953 - Feira Internacional de Lausanne; 1955 - Mês Brasileiro, Paris; IX Exposição Prêmio Lissone; III Bienal de Barcelona; Internacional Art Exhibition, Tóquio; 1957 - Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Lima; 1961 - Walker Art Center, Mineápolis; 1962 - Bienal de Córdoba; 1964 - Acervo do MAM; 1965 - Royal College of Art, Londres; Salão "Comparaisons", Paris. Prêmios: - 1948, Medalha de bronze, Salão Nacional de Belas Artes; - 1949, Prêmio "Prefeito do Distrito Federal" em pintura, I Salão Municipal; - 1951, Prêmio "Jovem Pintor Nacional", I Bienal de São Paulo; - 1953, Prêmio MAM, II Bienal de São Paulo; - 1955, Prêmio "Moinho Santista", III Bienal de São Paulo; - 1955, Prêmio "Unesco" (reprodução da colagem "Construção 75"). - 1957, Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1960, Prêmio de Aquisição, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1961, Prêmio de Aquisição - Ardea -, VI Bienal de São Paulo; - 1962, Prêmio de Viagem ao País, Salão Nacional de Arte Moderna. - Professor dos cursos Infantil e Atelier Livre de Pintura do MAM da Guanabara desde 1952.

A gravura de Ivan Serpa inserida neste álbum é um exemplo magnífico das suas qualidades já sobejamente reconhecidas pela crítica. Revela o artesão de primeiríssima água que é, o artista que domina integralmente os vários meios de expressão com que labuta, a pintura, a escultura, o desenho, e, agora, a gravura. Como sempre ocorre com Serpa ele estuda exaustivamente o modo de expressão e retira do material tôdas as suas conseqüências. Face a esta observação não se pode deixar de constatar a ironia do resultado alcançado - magnífico. Com efeito, o artista primeiro ergue, no espaço, uma forma pura, monumental, à maneira de suas construções da fase concretista. E logo em seguida se propõe a destruir esta mesma forma, pacientemente, assim como a térmita que devora, carcome a fôlha do incunábulo ou o ácido que corroe o metal. Diante desta forma negra, da figura geométrica de contornos nitidos, situada no tôpo do papel, o que se vê na superfície restante são como que bactérias, bacilos minando o tecido formal, estilhaços lançados contra a fortaleza. Coágulos de sangue, pequenos focos guerrilheiros em luta contra o que Julian Benda denominou de "imperialismo da forma". E já no próprio território a derrotar algumas ilhas foram instaladas, e nelas brilha intensamente a *luz-liberdade*. Serpa não cuida que nesta guerra de guerrilha entre a forma e o informe, aquela perderá. Breve tôda área estará conquistada. Do cáos, provavelmente surgirá outra forma.

Mas se nestes 20 anos de labor artistico, pacientemente construiu por que, agora, se propõe desconstruir? Por que esta vontade de negação? *Non-sense?* Não creio. Mesmo porque o processo da corrosão da forma tem o contrôlo do artista, a destruição é consciente. Provavelmente Serpa se encontra no limiar de uma nova fase - a síntese que vem longamente procurando. Do conflito entre a paz e a guerra, a forma e o informe, o sólido e o desintegrado, do ser e do vir-a-ser, surgirá breve, talvez, um nôvo espaço, que será, também, um nôvo modo de ver o mundo e a arte, uma nova ética.

FREDERICO MORAIS

FICHA TÉCNICA - Gravura em metal, seu primeiro trabalho nesta técnica. Chapa de latão, 35,5x23,3. cm. Niquelada depois de ter sido gravada com as técnicas de água tinta e rebaixamento. Impressão feita por Orlando da Silva em novembro de 1967, especialmente para a GAÉ em tiragem de 110 exemplares, sendo os numerados de 1|110 a 10|110 impressos em papel Rives e os de 11|110 a 110|110 em papel Debret. Após feita a tiragem a chapa foi riscada.

## IVAN SERPA

Nasceu em 1923 no Estado da Guanabara. Discipulo de Axel Leskoesk. Exposições individuais: 1951 - IBEU; 1953 - Teatro de Bólso; 1954 - Washington; 1957 - Galeria Tenreiro; 1958 - Galeria Gea; 1961 - MAM; 1963 - Galeria Tenreiro; 1964 - Galeria Barcinsky; 1965 - MAM, Exposição Comemorativa do IV Centenário da Cidade. - Exposições coletivas: - no Brasil, nos "Salões Nacional de Belas Artes" e nos "Salões Nacional de Arte Moderna"; nas "Bienais de São Paulo"; com o Grupo Frente, IBEU, MAM e em Volta Redonda. No exterior: 1952, 54, 62, - Bienais de Veneza; 1953 - Feira Internacional de Lausanne; 1955 - Mês Brasileiro, Paris; IX Exposição Prêmio Lissonne; III Bienal de Barcelona; Internacional Art Exhibition, Tóquio; 1957 - Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Lima; 1961 - Waiker Art Center, Mineápolis; 1962 - Bienal de Córdoba; 1964 - Acervo do MAM; 1965 - Royal College of Art, Londres; Salão "Comparaisons", Paris. Prêmios: - 1948, Medalha de bronze, Salão Nacional de Belas Artes; - 1949, Prêmio "Prefeito do Distrito Federal" em pintura, I Salão Municipal; - 1951, Prêmio "Jovem Pintor Nacional", I Bienal de São Paulo; - 1953, Prêmio MAM, II Bienal de São Paulo; - 1955, Prêmio "Moinho Santista", III Bienal de São Paulo; - 1955, Prêmio "Unesco" (reprodução da colagem "Construção 75"); - 1957, Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1960, Prêmio de Aquisição, Salão Nacional de Arte Moderna; - 1961, Prêmio de Aquisição - Ardea -, VI Bienal de São Paulo; - 1962, Prêmio de Viagem ao País, Salão Nacional de Arte Moderna. - Professor dos cursos Infantil e Atelier Livre de Pintura do MAM da Guanabara desde 1952.

1952. 1953. 1954. 1955. 1956. 1957. 1958. 1959. 1960. 1961. 1962. 1963. 1964. 1965. 1966. 1967. 1968. 1969. 1970. 1971. 1972. 1973. 1974. 1975. 1976. 1977. 1978. 1979. 1980. 1981. 1982. 1983. 1984. 1985. 1986. 1987. 1988. 1989. 1990. 1991. 1992. 1993. 1994. 1995. 1996. 1997. 1998. 1999. 2000. 2001. 2002. 2003. 2004. 2005. 2006. 2007. 2008. 2009. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025.